

“Cenas” do amor entre pessoas do mesmo sexo – abalos na inteligibilidade do gênero?

Ismar Inácio dos Santos Filhoⁱ
PGLetras/UFPE – CNPq-Brasil

1. Introdução – identidades de gênero e sexual: o senso comum dominante, os estudos antropológicos e a regulamentação midiática

Vivemos em uma sociedade na qual sobre as práticas e os desejos sexuais há uma “ordem simbólica pública” (Theije, 2002) ou “um senso comum dominante” (Pinto-Coelho e Mota-Ribeiro, 2007) que acredita que os desejos e as práticas eróticos, sexuais e afetivos entre pessoas do sexo oposto fazem parte da natureza e que esse é o modelo de relacionamento eterno entre as pessoas. Isto é, em nossa sociedade ainda há a crença e a compreensão de que a heterossexualidade é natural, em seu aspecto biológico e divino, e que, sendo assim, é a “fórmula” para o relacionamento entre homens e mulheres. Por conseguinte, este entendimento se dá pela crença de que existe uma identidade masculina e uma feminina, oriundas da essência de cada sexo, as quais são “programadas” para se relacionarem opostamente. Teoricamente falando, desta forma, tem-se, com base em Butler (2003), a concepção de que, dentro desse sistema de gênero bipolar masculino-feminino, o *gênero é inteligível*, isto é, acredita-se que, seja no masculino, seja no feminino, existe e deve existir uma coerência interna; uma continuidade entre sexo, gênero e práticas e desejos sexuais. Nesta engrenagem, passa-se a ter a heterossexualidade como uma norma: a heteronormatividade. Na tentativa de melhor esclarecer o antes exposto, com base nas idéias de Butler (2003) a respeito desta ordem social vigente e de Schiebinger (2001) sobre terminologia, quando discute os estudos de gênero e a ciência, apresentamos esse esquema abaixo:

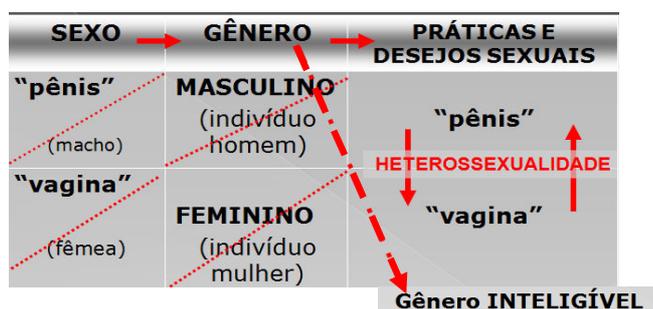


Figura 01 – Esquema do sistema *gênero inteligível*.

Através deste esquema de compreensão, o qual representa a ordem vigente em nossa sociedade a respeito da identidade de gênero e da identidade sexual, percebemos que o sujeito que nasce com um “pênis”, isto é, que é o macho, automaticamente é masculino. O mesmo ocorre então com a mulher, o indivíduo que biologicamente é fêmea. Por esses parâmetros, em suas práticas e desejos afetivos, sexuais e eróticos, esses sujeitos devem se relacionar opostamente. Ou seja, esses indivíduos são e devem ser heterossexuais.

Diferentemente desse senso comum, a partir dos estudos acerca do conceito de gênero desenvolvidos pelas antropólogas Rubin (2003), Scott (1996; 1999), Saffioti (2005) e Butler (2003), compreendemos que “ser” masculino ou “ser” feminino não é algo que está inerente aos aspectos/estruturas biológicas(as), ao contrário, é um constructo social, cultural, político e ideológico. Ou seja, é um artefato que constrói relações de poder, sendo nessas relações construído. Logo, se compreendemos que o masculino e o feminino são construções decorrentes das maneiras como as sociedades tratam/lidam com o sexo, podemos também entender que esses tratamentos podem diferir nas diversas sociedades. Na nossa, é a inteligibilidade de gênero que vigora. Butler (2003) evidencia um aspecto de fundamental importância na construção dos gêneros. Essa pesquisadora esclarece que o gênero não é algo fixo, logo, não se é masculino; não se é feminino. Inversamente, se está masculino; se está feminino. Ou seja, essas reflexões antropológicas nos

propõem o vislumbamento de que o masculino e o feminino são construções discursivas contextuais, por isso, inconstantes. Sendo assim, entendemos que a identidade de gênero e a identidade sexual são aprendidas nas práticas sociais, em grande parte em suas práticas discursivas.

Por isso, as sociedades, frente aos seus projetos políticos de *sistema sexo/gênero*, estabelecem forças reguladoras para garantir a masculinidade e a feminilidade, e automaticamente a heterossexualidade. A partir dos estudos de Butler (2003), podemos afirmar que nas relações sociais, os gêneros são sempre “performados”, isto é, se constituem a partir da repetição de diversos traços vividos, tais como, gestos, poses, adereços, roupas, danças, falas, voz, e, essencialmente, da prática sexual. Logo, abrem-se possibilidades de construções diferentes daquelas projetadas pela ordem vigente; abrem-se as possibilidades de e para a subversão: outras masculinidades, outras feminilidades e outras práticas e desejos sexuais. Em virtude dessas possibilidades, nessas relações, os gêneros sociais são interpelados; são chamados a permanecerem com os “ensaios” dos mesmos traços, repetindo e reiterando-os, para garantir o caráter natural de uma substância masculina; de uma substância feminina; da identidade heterossexual. Por esse ângulo, a própria substância torna-se uma norma.

Em conseqüência do fantasma da subversão e em função da reprodução das identidades de gênero e sexual, existem nas interações sociais forças reguladoras que interpelam os sujeitos para seguir a matriz da inteligibilidade de gênero, as quais estabelecem e regulam a heteronormatividade. Sobre esta questão, pesquisas mostram que a mídia tem um papel decisivo nessa regulamentação da heteronormatividade, em muitos casos através de uma aparente desconstrução da hegemonia da masculinidade e da feminilidade enquanto substância, a exemplo do estudo de Moita Lopes (2006). No artigo “‘Falta homem até pra homem’: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático”, esse pesquisador adverte que os homossexuais são falados em textos midiáticos de modo essencializados. Isto é, a homossexualidade é compreendida dentro do sistema binário de sexo/gênero, no qual existe uma única masculinidade, a qual se torna a identidade social de comparação (ou a norma), em relação a qual o homoerotismo é construído. Deste modo, a mídia, ao tratar da identidade sexual, atua através de um sistema de verdade, para o qual as discontinuidades e as incoerências (na perspectiva deste projeto) são constantemente proibidas, negadas, excluídas e até mesmo rejeitadas. É em decorrência desse ângulo de ver os gêneros sociais e as práticas sexuais que nascem os diversos preconceitos contra os homossexuais, os bissexuais, os transexuais, etc. visto que estes não se enquadram nos moldes de um gênero inteligível.

Inseridos neste contexto de percepções (conceitos e preconceitos) e processos de regulamentação das práticas e desejos sexuais, afetivos e eróticos de homens e mulheres, chama-nos a atenção o vídeo “Só por amar diferente”, que sai na contramão e se posiciona em “defesa” de práticas afetivas, eróticas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, postado no *Youtube* e em circulação na Internet em diversos espaços, principalmente no *Orkut*. Portanto, para participar da discussão sobre a mídia e seu processo de regulamentação e/ou de desconstrução do gênero enquanto essência, tomamos como objeto de estudo o referido vídeo, pois acreditamos que ele faz circular representações sobre os gêneros as quais possivelmente causem fissuras o sistema sexo-gênero. Desta forma, estamos entendendo-o como discurso e como uma ação social. De tal maneira, perguntamo-nos: Quais são essas representações e em quais aspectos elas provocam fissuras na *inteligibilidade de gênero*? Visto que acreditamos lidar com relações de poder nesta interação midiática, para responder a tal questionamento, nos valem da Análise Crítica do Discurso (nesta, da Gramática do Design Visual e da Semiótica Social), a partir dos trabalhos de Fairclough (2001a; 2001b) e de Kress e Van Leeuwen (1996) e de van Leeuwen (2006; 2008).

Atendendo a tais propósitos, o artigo está estruturado em mais um subtítulo: 2. “Uma análise crítico-discursiva das ‘cenas’ do amor entre pessoas do mesmo sexo”, o qual se subdivide em 2.1 “A Análise Crítica do Discurso” – uma visão preliminar, que aborda alguns fundamentos conceituais dessa teoria, e 2.2 “As representações da homossexualidade em ‘Só por amar diferente’” – a análise, o qual explicita a análise discursiva e apresenta algumas constatações acerca da representação estudada, bem como tece comentários a respeito destas.

2. Uma análise crítico-discursiva das “cenas” do amor entre pessoas do mesmo sexo

2.1 A Análise Crítica do Discurso – uma visão preliminar

A Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, é, com base em Fairclough (2001a; 2001b), van Dijk (2003) e Meurer (2005), um arcabouço teórico-metodológico que se propõe a auxiliar em estudos críticos da linguagem, isto é, se propõe a possibilitar análises que alertem para o jogo de poder nas interações sociais, visto que a principal preocupação é com as mudanças radicais que têm ocorrido nas práticas sociais contemporâneas, em suas ordens discursivas. Esta teoria tem em sua base a idéia de que todo texto, todo evento comunicativo, forja um discurso, o qual produz efeitos sociais, no tocante às próprias relações sociais, bem como em relação às identidades dos “eus” discursivos e ao conhecimento e as crenças dos sujeitos sociais. Segundo Fairclough (2001a), esta proposta de estudos se interessa por “controvérsias” referentes ao social as quais se dão através de um aspecto semiótico. Ou seja, a ACD interessa-se por determinada prática discursiva que nos chama a atenção porque, de algum modo, tem grande relevância nas questões societárias, seja em seus aspectos sociais e/ou culturais e que, assim, precisa ser (re)vista. Neste caso, justifica-se a escolha da ACD para analisar “Só por amar diferente” e suas representações acerca da homossexualidade, visto que a atitude de defender esta identidade/prática sexual na atual sociedade ocidental é travar uma luta no que se refere à heteronormatividade.

Sobre estes os fundamentos conceituais da ACD, que serão úteis para desenvolver a reflexão sobre o vídeo já citado, é importante saber que *prática social* é um conceito de grande relevância nesta teoria, e é entendida como apenas possível através da *linguagem*. Assim, os sistemas semióticos são vistos como inseparáveis das práticas sociais, pois são eles que as forjam. Desta maneira, uma prática social é entendida como uma ação que se dá através de significados que podem ser de assujeitamentos ou de rupturas da prática social vigente. Dito isto, esclarecemos que a análise crítica de um texto é a compreensão da relação dialética entre a semiose e os outros elementos da prática social e sua figuração nos processos de mudança. Na pesquisa que aqui nos propomos, interessa-nos entender as representações (ou auto-representações) da homossexualidade construídas através do sistema lingüístico e do sistema imagético e sua relação, de assujeitamento ou de rupturas, com o sistema sexo-gênero. Para isto, nos apoderamos do conceito de léxico e coesão lexical e de “retratação” de pessoas, desenvolvidos na análise que segue.

2.2 As representações da homossexualidade em “Só por amar diferente” – a análise

Iniciando a análise, é relevante que apresentemos uma descrição do material que serviu de *corpus* para nosso estudo. Consideramos importante comentar que o referido vídeo foi postado em 23 de setembro de 2007, tem duração de 4min e 14seg (quatro minutos e quatorze segundos) e pode ser acessado no *link* http://www.youtube.com/watch?v=70_mj-Kyid0. É construído a partir de fotografias de homens e de pares masculinos (mostrados como homossexuais) retiradas da *gettyimages* (empresa de licenciamento de imagens *on-line*), as quais estou denominando de “cenas” do amor entre pessoas do mesmo sexo. Nele, as imagens são postas em movimento através de um jogo entre os efeitos de afastamento, aproximação, redução, ampliação, deslizamento e giros de 360° e nenhum efeito especial de transição. As cenas têm sobreposições de um texto que “defende” a homossexualidade e alerta para o preconceito contra essa identidade sexual e têm a música “That I would be good”, de Alanis Morissette, como fundo sonoro. Sua postagem no *Youtube* teve até o início de março de 2009 cerca de 1.402.270 (um milhão e quatrocentas e duas mil, duzentos e setenta) exibições. É neste espaço considerado por 2.359 (duas mil, trezentas e cinquenta e nove) avaliações com qualidade 5 estrelas, ou melhor, é de grande aceitação dos internautas. Sobre ele, até a data mencionada, foram postados 896 comentários. Vale também destacar que alguns outros vídeos em língua portuguesa e em outras línguas foram elaborados e postados como suas versões. Temos abaixo uma imagem da página do *youtube* que mostra o vídeo em estudo em sua cena inicial.



Figura 02 – Imagem do espaço no youtube no qual aparece o vídeo “Só por amar diferente”.

A partir da breve descrição, compreendemos que esse vídeo é um texto explicitamente multimodal, construído prioritariamente a partir de três modos semióticos, o verbal, o imagético e o sonoro. Com essa convergência midiática, é um evento comunicativo da *nova mídia*, aquela comunicação possibilitada pela tecnologia computacional, pelos serviços de telefone móvel e pelo desenvolvimento da *Internet*. E bem como afirma Gruber (2008: 54), “assim como a invenção da tecnologia da escrita, a *nova mídia* tem provocado um enorme efeito nas práticas discursivas e comunicativas e tem proporcionado a emergência de novos estilos e gêneros discursivos” [grifo nosso]. O vídeo no *youtube* é um exemplo desses novos gêneros e estilos, devido, principalmente, às exigências para a sua postagem. Nesta perspectiva, no tocante ao gênero de discurso, esse *vídeo* possui suas particularidades: é uma produção independente (podemos dizer “caseira”), que tem atingido um número muito grande de interlocutores, como evidencia os números acima mostrados. Logo, provavelmente se configura em uma ação rápida e estratégica na divulgação de idéias e fatos, servindo, deste modo, tanto para a aceleração de rupturas quanto para a aceleração do assujeitamento nas interações sociais. Em função disto, pensar sobre o vídeo em análise possibilita também pensar em “como as pessoas se apropriam das novas formas de comunicação para as suas necessidades comunicativas e sociais” (Gruber, 2008: 59), aqui em relação às práticas e os desejos sexuais. Com base na ACD, reafirmamos que tal texto constrói uma representação da homossexualidade que se configura como uma ação no embate acerca das questões de identidade sexual e de gênero.

Em função da própria especificidade na produção, como comentamos minimamente acima, “Só por amar diferente” é da ordem do discurso cotidiano, seu estilo é coloquial, o qual apresenta a fala do homem comum, que pode ser percebida em algumas escolhas de palavras, tais como “nojo” (1)ⁱⁱ, “puta nojo” (7), “pra” (14), “ai” (20, 27), etc. Nele fala um “eu” discursivo que se “assume” homossexual e se propõe a defender a homossexualidade ou ao menos chamar a atenção para o preconceito em relação a essa identidade sexual. O texto encena a interação com um “outro” do discurso presumido como masculino e preconceituoso em relação à homossexualidade, o qual aparece sob o vocativo “cara” e o sujeito “você”. As duas falas que seguem (e nestas as palavras sublinhadas) são úteis para esta constatação: “Pense nisso e tente se imaginar nessa situação cara!” (32) e em “Você vai ver que ninguém merece o seu nojo” (33). Na construção do texto verbal, o “eu” imbrica à sua voz à voz preconceituosa presumida, bem como avalia a posição desse “outro” em relação à homossexualidade.

Nossa análise intenta compreender qual é a representação da homossexualidade e se tal representação provoca fissuras no sistema sexo/gênero, conceito que expomos na introdução deste artigo. Devido à nossa proposta de discussão, focalizamos para a análise apenas as escolhas de léxico e ou expressões e as escolhas de imagens usadas para representar tal identidade sexual. No que se refere ao sistema linguístico, focaremos o léxico, o contexto verbal e a coesão lexical (Fairclough, 2001b). No que diz respeito ao sistema imagético, damos destaque à “retratação de pessoas” (*depict people*) (van Leeuwen, 2008).

Sobre o sistema linguístico, quando aborda o significado de palavras, Fairclough (2001b) esclarece que normalmente nos confrontamos com “grupos” de palavras e seus significados e raramente com palavras e significados isolados. Sendo assim, sugere que na análise situemos as palavras em seu contexto verbal. Por isso, resolvemos neste estudo pensar os significados levando em consideração a coesão lexical,

a coesão por meio da repetição de palavras, da ligação e expressões em relações de sentido, tais como a sinonímia (mesmo sentido), ou a hiponímia (onde o sentido de um inclui o sentido do outro), ou a ligação de palavras e expressões que ‘se colocam’, isto é, que pertencem ao mesmo domínio semântico e tendem a co-ocorrerem (por exemplo, ‘cachimbo’, ‘fumaça’, ‘fumo’) (Fairclough, 2001b: 220).

Para o pesquisador britânico, pensar nas escolhas de palavras usadas na construção discursiva permite compreender os processos sociais e culturais mais amplos, pois tais escolhas e seus processos coesivos, para além de seus aspectos textuais objetivos, permitem-nos apontar as ordens discursivas que participam da construção de determinadas representações, compreendendo seu papel ideológico. Segundo ele, o *vocabulário* é um dos elementos da ordem discursiva (as ordens discursivas possuem vocabulários particularesⁱⁱⁱ). Neste entendimento, ao focalizarmos as escolhas de léxico deparamo-nos com as posições ideológicas frente à homossexualidade. Nesta discussão, selecionamos palavras e ou expressões que significam a homossexualidade a partir de três ângulos, quais sejam, o do “eu” discursivo, o do “outro” presumido como preconceituoso, e o da avaliação do “eu” do discurso sobre a significação desse interlocutor presumido com o qual dialoga. Vejamos as escolhas de palavras e expressões que o “eu” do discurso realiza para significar a homossexualidade e as possíveis implicações destas no tocante ao sistema sexo/gênero.

Na figura 02, mostrada anteriormente, vemos na primeira cena a exclamação e a pergunta “Puxa você tem nojo de ver dois homens se beijando?” (1) como a fala inicial do diálogo encenado. Nestas, verificamos que o “eu” aborda a homossexualidade fazendo referência a uma ação dos homossexuais masculinos, o beijo, o qual é por ele tratado como simplesmente uma ação que representa amor, sentido que se estabelece nas falas posterior, mostradas abaixo. Assim, o beijo e consequentemente a homossexualidade são compreendidos como apenas um ato amoroso. Por isso, chama a atenção para o fato de que tal prática não deveria ter como reação o “asco”, a “repugnância”; a “vergonha” desse “outro”, aqui a percepção do “outro” masculino preconceituoso mostrada a partir do discurso indireto livre, como vemos no trecho destacado acima. Todavia, é importante observamos que a oração complementar “dois homens se beijando” constrói elo coesivo com a prática sexual que foi no título citada como “amar diferente”, expressão que parece dizer que, sendo uma outra forma de amar, traz em sua voz a concepção de que existe uma forma de amar que é a recorrente, considerada como a correta, a certa – a heterossexualidade. Logo, ao mesmo tempo em que em (1) aborda a homossexualidade como apenas ação (o beijo) e não a vê de forma pejorativa, a põe também como uma outra forma de amar, o que provavelmente acarrete na idéia de marginalidade dessa prática e identidade sexual, visto que, ao intitulá-la de “diferente” parece trazer o significado de “alterada”, “modificada”, “mudada”, estabelecendo, assim, um padrão – a heteronormatividade. Vejamos outras escolhas de palavras e expressões e qual a representação da homossexualidade que, de fato, se configura para esse “eu” discursivo.

“Mas você pode dizer o que pensa da homossexualidade das pessoas?”(8)

“E já que você está tão aberto a discutir esse assunto (...)”(10)

“E sem idéias prontas imagine como seria se você fosse gay.”(12)

“Imagine você se descobrindo ser uma coisa que não queria ser.” (E lembre-se que o mundo não está preparado para gente diferente)” (14)

“Tente se imaginar sentindo amor por outro ser humano que infelizmente não é o ser humano do tipo que sua mãe sonhou”(15)

“Será que amar é algo assim tão errado?”(23)

“Quando você abraça seu amigo todo mundo acha fofo” (25)

“Mas se beija seu amigo você é uma aberração?” (26)

“só por amar diferente” (31)

Ao observamos o processo de ligação de palavras e expressões para a tecitura do texto, a homossexualidade é tratada em alguns aspectos, tais como categoria de identidade e condição

sexual (“homossexualidade” e “gay”), tópico da conversa (“assunto”), sentimento (“amor por outro ser humano”, “amar”, “amar diferente”), percepção da orientação sexual pelo próprio homossexual (“se descobrindo”, “uma coisa que não queria ser”, “não é o ser humano do tipo que sua mãe queria”, “amar diferente”) e ações do homossexual com seu parceiro (“abraça seu amigo”, “beija seu amigo”). Pelo exposto, quando tratada como categoria e condição sexual, como apenas um tópico de conversa, ou como sentimento e como ações do homossexual, é apresentada numa tentativa de não conotações, logo, simplesmente como apenas uma identidade sexual, dentre tantas outras. Entretanto, quando significada a partir da própria compreensão do homossexual do que seja sua condição/identidade sexual, é mostrada como algo não desejado, explicitando uma “consciência”/entendimento de que esta condição está à margem daquela desejada pela sociedade, e possivelmente pelo próprio homossexual. Assim, a homossexualidade para este “eu” é ao mesmo tempo pensada como uma identidade que deve ser vista sem as conotações historicamente oriundas da religião, da psicologia e da biologia, as quais a desmerecem, mas ao mesmo tempo a coloca como a outra, a diferente, a que não é igual.

Após considerarmos a representação a partir do olhar do “eu” que enuncia no vídeo estudado, é salutar sabermos quais as escolhas do “outro” do discurso para representar a homossexualidade. Alguns trechos do texto, abaixo expostos, ajudam-nos a refletir a respeito deste questionamento:

Puxa você tem nojo de ver dois homens se beijando?(1)
não tenha medo (13).
Será que amar é algo assim tão errado?(23)

Será que você é tão ruim assim?(24)
Mas se beija seu amigo você é uma aberração?(26)

Em decorrência do exposto, a voz do “outro” do discurso é imbricada à voz do “eu” através do discurso indireto, como em (1), e através do discurso indireto livre, como em (13), (23), (24) e (26). Nestas falas, a homossexualidade é pensada a partir de dois aspectos, quais sejam, a reação que esse outro tem para com os homossexuais, como o “nojo” e o “medo” e a percepção sobre essa condição sexual, como em “errado”, “ruim” e “aberração”. Ao pensarmos nos significados potenciais dessas palavras, tais como “vergonha”, “desvio”, “mau”, “perversão”, “anomalia”, os quais se confirmam nas relações estabelecidas entre os léxicos, compreendemos que tais palavras vivem na ordem simbólica pública, a qual pensa a identidade sexual como essência, de natureza biológica e divina e como algo eterno. Deste modo, parece explicitar-se a homossexualidade como desvio da norma – o sistema sexo/gênero que impõe a heterossexualidade como o modelo para as práticas e desejos sexuais. Entendemos também que a voz do “eu” assemelha-se à voz preconceituosa mostrada como a do “outro”, aquela que vê a homossexualidade como vergonha, desvio, mau e aberração. De acordo com essa análise, mesmo ao apresentar outros sentidos para a homossexualidade, o “eu” discursivo parece continuar a tratar essa identidade/prática sexual dentro do sistema sexo/gênero, logo, como algo que está às margens da inteligibilidade de gênero, compreendida como o ideal entre as relações afetivas, sexuais e eróticas. No intuito de compreender a representação da homossexualidade neste vídeo, passemos as avaliações que o “eu” tece a respeito da representação estabelecida pelo o “outro”.

“Eu te proponho que tire um pouco o casaco da moralidade”(11)
“e sem idéias prontas imagine como seria se você fosse gay...”(12)

“Aí começa o preconceito!”(27)
“Vai sentir falta de dignidade e boa vontade” (34)

Levando em consideração as palavras e expressões usadas para apreciar a voz do “outro” sobre a homossexualidade, o “eu” ao usar a metáfora “casaco da moralidade”, a qual constrói relação de co-ocorrência com as outras palavras e expressões destacadas em (11), (12), (27) e (34), faz significar a percepção do “outro” como doutrina, regra atrelada à igreja e a outros sistemas políticos, que visam encobrir algo considerado vergonhoso. Este sentido, configura-se quando pensamos nos significados estabelecidos pelas outras palavras e expressões, os quais se agregam a essa idéia primeira. Avaliando deste modo, o vídeo desqualifica as reações e as concepções acerca

da homossexualidade oriundas desse “outro” do discurso, pois, para esse “eu” discursivo, os sentidos de “ideias prontas”, “preconceito” e “falta de dignidade e boa vontade” remetem à superstição e ao erro; para algo sem fundamento.

Ampliando nosso olhar em busca da representação proposta para a homossexualidade no texto em análise, passamos a refletir a respeito das “cenas^{iv}” em seu sistema imagético. Para tal, partimos da concepção de representação visual de atores sociais da Semiótica Social (van Leeuwen, 2006; 2008) e do conceito de multimodalidade (van Leeuwen e Kress, 1996). Nesta proposta de estudo, recorreremos especificamente ao conceito de “retratação de pessoas” (*depict people*), de van Leeuwen (2008), entendido como a “inscrição” de pessoas em imagens. Tais estudos permitem-nos compreender que a representação dentro do sistema de imagens se dá por algumas escolhas, tais como *exclusão, papéis, retratação específica ou genérica, individual e grupos e categorização*. Inicialmente é de grande relevância destacar que “Só por amar diferente” tem em sua ação uma construção genérica da representação da homossexualidade e não a de um indivíduo homossexual. Neste propósito, as fotografias escolhidas retratam aspectos compreendidos como característicos dessa identidade/prática sexual. Vejamos algumas cenas.



Figura 03 – “Mural” de cenas de “Só por amar diferente”

No que diz respeito à *exclusão*, que é a possibilidade de inclusão ou não na imagem de pessoas ou tipos de pessoas nas representações de grupos, nas “cenas” de “Só por amar diferente” é muito visível a inclusão de um masculino másculo, de sujeitos com aparência viril, e a exclusão de homens com “trejeitos” femininos, como podemos constatar em algumas cenas acima expostas. De acordo com van Leeuwen (2008), essa escolha é sempre uma forma simbólica de exclusão social, visto que não reconhece a existência de certas pessoas ou tipos. Neste caso, o homossexual é aquele viril, discreto e bem comportado, nunca um andrógono^v. Em relação aos *papéis* mostrados nas imagens, isto é, em relação ao que esses homens fazem e *onde, quando e para quem* executam as ações, vemos que algumas delas, tais como, *abraçar, acariciar, dar às mãos, trocar olhares e consolar*, ações que cada um no casal faz para o outro; outras como *deitar na cama, brincar* (divertir-se), *dormir, tomar café e fazer compras* são ações que realizam juntos; e por fim, *bocejar, chorar e ler jornal* são algumas ações que são realizadas por um único sujeito. É importante dizer que tais ações são desenvolvidas em ambientes como o quarto, a sala, a piscina, o mercado, a rua e o campo, mas com predominância de um ambiente íntimo (ou até mesmo doméstico), como vemos nas cenas 46, 90, 215, 298 e 365 acima exibidas.

As nove cenas apontadas anteriormente, incluindo aí a cena de abertura do vídeo, mostrada no início deste tópico, permitem-nos também comentar sobre a categorização de pessoas, recurso imagético neste vídeo usado para representar a homossexualidade. Ao falarmos em categorização estamos nos referindo à conotação negativa ou positiva daquilo que é próprio de um ser (ou de um grupo, por exemplo), isto é, os seus atributos e também nos referindo aos recursos físicos, as características *in the blood*. Assim, a categorização pode ser cultural, a de atributos, ou biológica, a de recursos físicos; ou ocorrer através de um imbricamento destas. A seleção de imagens de casais masculinos para representar a homossexualidade chama-nos a atenção como um aspecto de categorização cultural, pois sabemos que historicamente casal é o par composto de macho e fêmea, símbolo sociocultural da heterossexualidade que é neste vídeo ressignificado como um par composto de macho e macho, quebrando com a hegemonia deste atributo do sistema sexo/gênero.

Outro aspecto, o casal também representa a família, característica atribuída à heterossexualidade, que aqui é ressignificada com um casal homo que possui um filho, como vemos na última cena acima exibida. Entretanto, as cenas não representam a homossexualidade apenas em questões culturais, como a citada antes, esta é mostrada também em um aspecto biológico. Já mencionamos que o homem que aparece nas “cenas” de “Só por amar diferente” é aquele considerado como macho, o sujeito másculo e viril, compreendendo que tais características se constituem em recursos físicos destacados para significar o homossexual com o estereótipo do masculino hegemônico e, assim, a homossexualidade. Todavia, este recurso sofre ressignificações quando alguns atributos, além do casal, são postos em relevo, como a ação de dar às mãos, os abraços, as carícias, os toques, o choro e algumas poses.

Considerações

Dada a análise, interpretamos que provavelmente as escolhas linguísticas do “eu” do discurso, bem como suas escolhas imagéticas deixam ver a homossexualidade compreendida de forma dual, pois ao mesmo tempo é apenas uma forma de amar, dentre tantas outras e também uma identidade/prática sexual marginal em relação à concepção de inteligibilidade de gênero, entendimento do “senso comum dominante” acerca das práticas e desejos sexuais, o qual é sustentado no discurso de “Só por amar diferente”. Sendo assim, esta representação da homossexualidade permite-nos inferir que mesmo almejando se distanciar de uma compreensão preconceituosa, o discurso forjado incorre na identificação com o discurso da “ordem simbólica pública” o qual compreende a prática afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo como um desvio da norma. Em resumo, constatamos que neste vídeo a homossexualidade é construída ainda pelas ordens discursivas da religião, da psicologia e da biologia e que o sujeito homossexual é apresentado pelo estereótipo masculino hegemônico: sujeito ativo, viril, másculo etc. Levando em consideração tais verificações, afirmamos que o vídeo em análise provoca poucos abalos na inteligibilidade de gênero e que, ao contrário, passa a atuar como força de regulamentação da heteronormatividade.

Referência bibliográfica

Butler, Judith. 2003. Sujeito do sexo/gênero/desejo. In: *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 16-60.

Fairclough, Norman. 2001a. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: Wodak, Ruth e Meyer, Michael. *Methods of critical discourse analysis*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications. p. 121-138.

Fairclough, Norman. 2001b. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Gruber, Helmut. 2008. Analyzing Communication in the New Media. In: Wodak, Ruth & Michal Krzyzanowski (eds): *Discourse analysis for social scientists*. A textbook. (Houndmills: Palgrave). p.54-77.

Meurer, José Luiz. 2005. Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough. In: José Luiz Meurer; Adair Bonini e Désirée Motta-Roth (Org.). *Gêneros – teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 81-106.

Moita Lopes, Luiz Paulo da. 2006. “Falta homem até pra homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: Viviane Maria Herbele, Ana Cristina Osterman e Débora de Carvalho Figueredo (Org.). *Linguagem e Gênero – no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. da UFSC. p. 131-157.

Pinto-Coelho, Zara e Mota-Ribeiro, Silvana. 2007. Imagens publicitárias, sintaxe visual e representações da heterossexualidade. In: *Comunicación e Cidadanía*. nº 01, p. 79-84. USC-Universidade de San Thiago de Compostela.

Rubin, Gayle. [entrevista]. 2003. *Cadernos Pagu*. (21). p. 157-209.

Saffioti, Heleieth. 2005. Gênero e patriarcado. In: *Brasil*. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília. p. 35-76.

Schiebinger, Londa. 2001. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC.

Scott, Joan. 1996. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: *SOS Corpo – Gênero e Cidadania*.

_____. 1999. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In: *Feminismo e cidadania*. São Paulo: Melhoramentos. p. 203-222.

Theije, Marjo de. 2002. “São metade macho, metade fêmea”: sobre a identidade de gênero dos homens católicos. In: *Antropológicas*. Ano 6, volume 13(1). p. 47-56.

van Dijk, Teun. 2003. Critical Discourse Analysis. In: Schiffrin, Deborah; Tannen, Deborah; Hamilton Heidi E. *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell. p. 352-371.

van Leeuwen, Theo. 2006. *Introducing Social Semiotics*. London and New York: Routledge.

van Leeuwen, Theo. 2008. The Visual Representation of Social Actors. In: _____. *Discourse and Practices – new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, Inc. p. 136-148.

ⁱ Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT) e Doutorando em Lingüística (UFPE). Bolsista CNPq-Brasil. Agradecimentos à Professora Dr^a Judith Hoffnagel (PGLetras/UFPE) pela leitura e sugestões.

ⁱⁱ Este recurso de parênteses e numeral (1) está sendo usado para indicar as falas do texto que está sobreposto às imagens.

ⁱⁱⁱ Não estamos aqui nos referindo à idéia de *palavra-chave* de Pêcheux (apud Fairclough, 2001b), quando fazia referência à formação discursiva. Ao contrário, estamos entendendo que as palavras possuem significado potencial, aquele dicionarizado, mas que os seus sentidos só se dão em contextos de interação.

^{iv} Sobre as “cenas” mostradas, cabe dizer que, como procedimento metodológico, transformamos o vídeo em estudo em 518 imagens através do programa *MovieSliders*, o qual captura *frames* do arquivo em vídeo, transformando-o em algumas fotografias.

^v Mesmo apresentando algumas características que podem remeter à androgenia, tais como a ausência de pêlos e algumas poses, como a performada pelo rapaz que está em primeiro plano na cena 90, consideramos que os homens mostrados neste vídeo não são andrógenos